

O CONFLITO HAMLETIANO NA OBRA *ENCLAUSURADO*, DE IAN MCEWAN

Daiane Fernanda Pedroso Sarmento¹

José Gabriel de Paula Silva²

Maria Luiza Ostrovski Simonatto³

Nathaly Bueno de Goes⁴

Luiz Rogério Camargo⁵

RESUMO

O sentimento das personagens feto e Hamlet, com relação ao mundo e ao contexto histórico diferentes em que vivem, suscita análise e reflexão sobre as semelhanças entre as duas personagens principais das obras literárias comparadas neste trabalho: *Enclausurado*, de Ian McEwan, e *Hamlet*, de William Shakespeare. O conflito hamletiano é tão frequente na vida do feto que é possível fazer um intertexto que vai desde nomes de personagens a sentimentos como a relação entre mãe e filho, a reflexão constante sobre “ser ou não ser” e o ódio e vingança por conta de uma morte. Assim sendo, este trabalho tem como finalidade buscar as equivalências entre as personagens feto e Hamlet.

Palavras-chave: Feto. Conflito. Ética. Moral. *Enclausurado*. *Hamlet*.

¹ Aluna do 6º período do curso de Letras Português e Inglês pela FAE Centro Universitário.
E-mail: daianefernandapedroso@gmail.com

² Aluno do 6º período do curso de Letras Português e Inglês pela FAE Centro Universitário.
E-mail: josegabrielgps@gmail.com

³ Aluna do 6º período do curso de Letras Português e Inglês pela FAE Centro Universitário.
E-mail: marialuizaosimonatto@gmail.com

⁴ Aluna do 6º período do curso de Letras Português e Inglês pela FAE Centro Universitário.
E-mail: nathalygoes@hotmail.com

⁵ Orientador da pesquisa. Doutor em Literatura Brasileira pela FAE Centro Universitário.
E-mail: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Ian McEwan nasceu em 21 de junho de 1948, em Aldershot, Inglaterra. É romancista, contista e roteirista, considerado um dos grandes nomes de escritores britânicos. McEwan iniciou sua carreira com o livro *First love, last rites*, em 1975 e atualmente possui o apelido de “Ian Macabro”, pois tem sido cortejado como roteirista em *serial killers* para Hollywood, e, em entrevista para a página Fronteira do Pensamento, justifica sua pretensão pela atmosfera macabra:

[...] A ficção simplesmente representa isso. Claro, quando comecei a escrever, meu material era muito sombrio e as pessoas me acusavam de escrever unicamente para chocar. Eu sempre neguei, mas acho que havia alguma verdade nisso. Quando você chega e tem 24 anos, você quer dizer “estou aqui”. Eu queria pintar o mundo com cores selvagens. Não queria que a minha ficção fosse muito gentil. E, sim, havia um elemento de projetar as coisas mais obscuras que vinham dos meus pensamentos como forma de me apresentar. [...] Novamente, creio que o romance é excelente para demonstrar essa sucessão de identidades que passam dentro de uma pessoa (MCEWAN, 2018).

A obra *Enclausurado*, de 2016, tem como narrador um feto que, dentro do útero da mãe, ouve e compreende o que se passa no mundo externo à “barriga”, refletindo sobre ele e analisando-o séria e comicamente, até o seu nascimento. O feto também reflete sobre o momento em que foi criado, subjetivamente em:

Deixe que eu o evoque, aquele momento de criação que chegou com o meu primeiro pensamento. Faz muito tempo, muitas semanas atrás, meu circuito neural se fechou e se transformou em minha espinha, e meus muito milhões de jovens neurônios, tão ativos quanto bichos de seda, fiaram e teceram, a partir de seus axônios em forma de cauda, o lindo tecido dourado da minha primeira ideia, uma noção tão simples que agora me escapa. Era eu? Autoadmiração excessiva. Era agora? Dramática demais. Ou algo que antecedia ambas, continha ambas, uma só palavra acompanhada de um suspiro ou de um apagão mental de aceitação, de puramente ser, algo como – isto? Muito pedante. Por isso, chegando mais perto, minha ideia foi Ser. Ou, se não isso, sua variante gramatical, é. Esse foi meu conceito original, que tem na essência é. Apenas isso. Correspondendo a *Es muss sein*. O início da vida consciente foi o final da ilusão, a ilusão de não ser, e a erupção do real. O triunfo do realismo sobre a mágica, do é sobre o parece (MCEWAN, 2016, p. 3).

Ao refletir sobre o ser ou não ser, nesse primeiro momento, pode-se notar o principal intertexto do livro: a obra *Hamlet*, de Shakespeare (1564-1616). As duas obras também se associam ao título que aparece em um verso da peça, no Ato II, Cena II: “Deus, eu poderia viver *enclausurado* dentro de uma noz e me consideraria um rei do espaço infinito, não fosse pelos meus sonhos ruins” (SHAKESPEARE, 2015, p. 96).

O narrador também acompanha o adultério entre Trudy, sua mãe, e Claude, seu tio, irmão de seu pai, e ainda descobre que os adúlteros têm como objetivo assassinar John, seu pai:

Então eu aqui estou, de cabeça para baixo, dentro de uma mulher. Braços cruzados, pacientemente esperando e me perguntando dentro de quem estou, o que me aguarda. Meus olhos se fecham com nostalgia quando lembro como vaguei antes em meu diáfano invólucro corporal, como flutuei sonhadoramente na bolha de meus pensamentos num oceano particular, dando cambalhotas em câmara lenta, colidindo de leve contra os limites transparentes do meu local de confinamento, a membrana que vibrava, embora as abafasse, com as confidências dos conspiradores engajados numa empreitada maléfica. Isso foi na minha juventude despreocupada. Agora, em posição totalmente invertida, sem um centímetro de espaço para mim, joelhos apertados contra a barriga, meus pensamentos e minha cabeça estão de todo ocupados. Não tenho escolha, meu ouvido está pressionado noite e dia contra as paredes onde o sangue circula. Escuto, tomo notas mentais, estou inquieto. Ouço conversas na cama sobre intenções letais e me sinto aterrorizado com o que me aguarda pela encrenca em que posso me meter. [...] A condição do feto moderno. Pense bem: nada a fazer senão existir e crescer, em que o crescimento não representa um ato consciente. A alegria da existência pura, o tédio dos dias iguais. A beatitude prolongada é um tédio existencial. Este confinamento não devia ser uma prisão. Aqui possuo o privilégio e o luxo da solidão. Falo como um inocente, porém concebo um orgasmo prolongado até a eternidade – que tal esse tédio no reino do sublime? Esse era meu patrimônio até que minha mãe desejou meu pai morto (MCEWAN, 2016, p. 1-3).

O feto faz reflexões sobre a sua relação com a mãe, com o tio e com o pai, desde os momentos de relação sexual – entre Trudy e Claude – alegando serem frias pois “não há beijos, nada é tocado nem acariciado, murmurado ou prometido, nenhuma lambida generosa, nenhum devaneio brincalhão” (MCEWAN, 2016, p. 5) e busca escapar do pênis do tio, fazendo “manobras” ao encarar as paredes do útero da mãe:

Nem todo mundo sabe o que é ter o pênis do rival do seu pai a centímetros do seu nariz. A essa altura tardia, eles deviam estar se contendo por minha causa. A cortesia, senão um motivo clínico, assim exigiria. Fecho os olhos, aperto as gengivas, me apoio nas paredes uterinas. Essa turbulência sacudiria as asas de um Boeing. Minha mãe estimula seu amante, o incita com gritos dignos de um parque de diversões. Parede da Morte! Toda vez, a cada movimento do pistão, temo que ele rompa a barreira, perfure os ossos ainda moles de meu crânio e irrigue meus pensamentos com a essência dele, com o creme abundante de sua banalidade (MCEWAN, 2016, p. 3).

No caso de Hamlet, a personagem vive dilemas durante a narrativa shakespeariana que o colocam em confronto com a moral, há durante a construção dos atos os questionamentos que a personagem impõe a si mesma e cria uma confusão mental acerca do que é correto, ou seja, de como suas ações precisam se desenrolar de diversas perspectivas, afinal, ele é príncipe e é filho, portanto se sente responsável pela situação e pelas pessoas ao seu redor. Destaca-se aqui a posição que o feto se encontra, tendo em mente que apesar de vivenciar os mesmos dilemas morais que Hamlet, ele, em toda sua completude existencial de pensamento, não pode mudar a realidade a sua

volta, mesmo que sua presença seja algo que reflete no comportamento das pessoas que o cercam.

Enquanto Hamlet questiona as atitudes de sua mãe, o feto parte das mesmas indagações para tentar compreender os motivos que levam a sua progenitora a estar com seu tio, que ele considera um ser limitado, em vez de seu pai, que embora seja um escritor decadente, recebe um olhar mais atento e curioso por parte de seu filho. Nota-se também uma correlação entre os sentimentos que Hamlet e o feto nutrem pelo tio, embora ele, de antemão, não saiba o quanto de culpa pela morte de seu pai recai em seu tio, ele não acredita que este seja remotamente confiável, enquanto na obra *Enclausurado*, o leitor vivencia a trama orquestrada por Trudy e Claude para assassinar John, pelos olhos do feto, e este narra todas as suas percepções acerca disso, mas ao analisar sua forma e o lugar onde se encontra, não acredita de fato ser possível colocar em prática nenhuma atitude que faça grande diferença, vendo-se, portanto, impotente perante o assassinato iminente de seu pai.

Por meio dos dilemas anteriormente mencionados, pode-se fazer um aprofundamento sobre as relações humanas e como elas agem no narrador, pois ele enfrenta questões acerca do mundo e do sentido da vida, como o amor claro que sente pela mãe, e também a indignação pelo comportamento dela, que levanta outra enorme gama de sentimentos e sensações sobre a fidelidade e para com quem ela deve estar, ou seja, com a progenitora que através de seu próprio corpo o mantém vivo, ou para com seu pai, por quem ele nutre certa admiração e é alvo das terríveis maquinações de sua mãe e tio. Portanto, as relações humanas se fazem presentes em ambas as obras, e elas regem e direcionam toda a narrativa constroem toda a dinâmica dentro do enredo ao redor das personagens e suas ações e como elas permeiam as sensações e sentidos da vida.

Além disso, é possível identificar, por meio das obras de McEwan e Shakespeare, uma relação de intertexto com os valores morais e éticos que permeiam, e ainda permeiam, o modo de vida dos indivíduos em sociedade. Essa relação terá como base o conflito inicial das obras, a partir do qual objetiva-se realizar uma reflexão sobre o que é certo ou errado. Contudo, a situação toma grandes proporções, pois há diferentes vertentes de pensamento, o que eleva a problemática das relações interpessoais a outro patamar, aquela que é permeada pelos valores sociais em conjunto com a ética e a moral.

1 OBJETIVOS

1.1 GERAL

- Investigar os conflitos vivenciados pela personagem feto na obra *Enclausurado* de Ian McEwan, relacionando-os com a peça *Hamlet*, de Shakespeare.

1.2 ESPECÍFICOS

- Analisar os conflitos do feto e as semelhanças que este apresenta com a personagem *Hamlet*;
- Estudar o conflito do feto com a mãe;
- Estudar o conflito do feto com o tio;
- Estudar o conflito do feto consigo mesmo.

2 O CONFLITO DO FETO E AS SEMELHANÇAS QUE ESTE APRESENTA COM O PERSONAGEM HAMLET

Ao analisar as semelhanças entre as personagens, pode-se notar que num primeiro momento, tanto o feto quanto Hamlet dão voz às suas angústias e dúvidas acerca do mundo e das relações à sua volta. Enquanto o feto na barriga de sua mãe vivencia o plano ardil desta juntamente ao seu amante para assassinar o pai, Hamlet retorna à Dinamarca e descobre que seu pai, o Rei Hamlet, está morto e sobre o seu cortejo fúnebre celebra-se o casamento de sua mãe Gertrudes com seu tio Cláudio, agora assumidamente através do matrimônio com a rainha, o novo rei da Dinamarca.

É por meio desse primeiro apontamento que se pode relacionar as duas personagens, sendo ambas condicionadas a buscar e compreender as diversas partes que compõem suas vidas, mesmo que em *Enclausurado* o narrador ainda não tenha nascido, esse sofre influência do mundo ao seu redor. Entretanto, é possível ressaltar as diferenças que Hamlet e o feto ocupam em suas histórias respectivamente, deixando claro que, apesar de ambas as personagens terem perguntas ao universo e a si mesmos, e terem, um ideal de como os eventos deveriam do desenvolvimento da trama. É fato que Hamlet encontra-se em uma posição mais favorável, ou seja, ele, sendo homem já nascido, tem em suas mãos maiores possibilidades de buscar a compreensão dos fatores que o cercam e por meio disso, a justiça para todos os atos, enquanto o feto, vê-se impotente “vivendo” e narrando o plano de sua mãe juntamente ao amante para matar seu progenitor:

Começo a desconfiar que minha impotência não seja transitória. Conceda-me todo o poder que o corpo humano pode suportar, recupere meus jovens músculos esculpidos de pantera e o olhar penetrante e duro, conduza este ser a mais à mais extrema medida – matar o tio para salvar o pai. Entregue uma arma em suas mãos, um pé de cabra, um pernil de cordeiro congelado, faça-o se pôr atrás da cadeira do tio, de onde pode ver o anticongelante, e ficar fortemente motivado (MCEWAN, 2016, p. 60).

Por outro lado, Hamlet coloca em voga um plano para desmascarar seu tio Cláudio, aquele que ele acredita ser o assassino de seu pai, podendo, assim, tomar decisões reais em busca de vingança e justiça, de acordo com Shakespeare:

Ah, vai ser agora, agora que está rezando, Sim, é agora mesmo. E aí ele vai para o céu! E assim fico vingado. Isso exige exame. Um crápula mata meu pai, e, por vingança, Eu, o único filho, envio o mesmo crápula para o céu. Quê? Isso é paga e prêmio, não uma vingança. Ele ceifou meu pai, tímido, empanturrado, Com os crimes viçando feito um maio lúbrico; E suas contas como ficaram? Só os céus sabem. Mas nesse nosso mundo e modo de pensar, suas contas são pesadas. Então, isso é vingança, Se o apanho no instante em que purga sua alma, Preparado e maduro para a transição? (SHAKESPEARE, 2015, p. 132-133).

Outro ponto que se pode notar, é o relacionamento conturbado e complexo com a mãe, pois tanto o feto como Hamlet nutrem um amor pela progenitora da mesma forma que esse sentimento explode em repulsa em muitos pontos da narrativa. É possível, também, fazer uma correlação entre as personagens que permeiam a vida dos protagonistas da história, como a relação de desprezo pelo tio, e uma afeição ao pai, que ambos consideram um ser humano digno de admiração. O feto e Hamlet também têm um olhar aguçado e uma percepção de mundo muito detalhista, fato esse que os torna observadores do comportamento humano, bem como os faz questionar o mundo, as pessoas, as ações e o todo a sua volta.

Em *Hamlet*, ele se vê aprisionado a fazer o que acredita ser certo em busca de vingança, crendo desse modo, fazer justiça à morte do pai. O feto e Hamlet têm questionamentos semelhantes, entretanto, enquanto o príncipe tem ao alcance de suas mãos formas reais de buscar o que acredita ser correto e também seu dever, o feto se vê em uma posição que o impede de fazer algo concreto. Nota-se que ele se sente incapaz, preso há uma forma reduzida em meio a um mundo tão vasto que vai muito além de sua capacidade física. Todavia, através de sua consciência, ele permite-se idealizar formas de vingar a morte de seu pai:

Meu plano? Claude está cavando um túnel em minha direção e preciso ser rápido. Estamos balançando, estalando, sob grande pressão. Um som eletrônico agudo ataca meus ouvidos, meus olhos se esbugalham e ardem. Preciso usar meus braços, minhas mãos, mas há tão pouco espaço! Vou dizer bem rápido: vou me matar. A morte de um bebê, na verdade um homicídio por causa do ataque irresponsável de meu tio a uma mulher no nono mês de gravidez. Sua prisão, julgamento, sentença, detenção. A morte de meu pai vingada em parte. Em parte porque os homicidas não são enforcados na amável Grã-Bretanha. Darei a Claude uma lição adequada sobre a arte do altruísmo negativo. Para me suicidar, vou necessitar do cordão, três voltas em torno do meu pescoço num laço mortífero (MCEWAN, 2016, p. 131).

A unidade formada pela densidade psicológica dessas personagens atinge o ápice, e elas se voltam por meio dessas para as questões existenciais. Enquanto Hamlet questiona

“ser ou não ser”, o feto questiona o “por quê?” nascer, pois ele não consegue compreender o mundo no qual tem seus pais de lados opostos, enquanto a mãe planeja o assassinato do pai.

O feto e Hamlet buscam formas de justiça para o que acontece ao redor, mas em alguns momentos questionam-se sobre o papel que precisam desempenhar, se é possível se desvencilhar desses e se serão capazes desse ato. Ambos são induzidos a uma busca por justiça e vingança, Hamlet filho e príncipe, o feto filho e testemunha do crime intencionado contra seu pai. Entretanto, em dado momento há uma busca por uma fuga desse destino, um desejo de evasão da realidade, uma necessidade de distração mental, o escapismo psicológico das obrigações, ou situações desagradáveis que estejam ocorrendo ao indivíduo. Sartre pondera sobre o existencialismo ser um humanismo, e como os seres humanos estão condicionados a serem responsáveis por si mesmos e pelas pessoas à sua volta, o que explica porque, apesar de tentarem se abster do seu destino, ou mesmo de suas obrigações, tanto o feto como Hamlet se sentem responsáveis moralmente por todos os acontecimentos ao redor deles.

Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavra um tanto grandiloquentes como angústia, desamparo, desespero. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, como devemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1970, p.5).

Por meio desse pensamento filosófico, nota-se o que aflige o feto e também o jovem príncipe, pois é fato que por mais que eles fossem libertados das responsabilidades que os seguiam, eles ainda teriam o sentimento de responsabilidade, o pensamento ainda os faria refém das suas obrigações e responsabilidades.

3 CONFLITO DO FETO COM A MÃE

Ao analisarem o autor Ian McEwan, Head e Groes chamam a atenção dos leitores para os temas desenvolvidos nas obras ficcionais de McEwan, sendo questões centrais na nossa contemporaneidade, como “*politics, and the promotion of vested interests; male violence and the problem of gender relations; science and the limits of rationality; nature and ecology; love and innocence*”⁶ elencados por Head em sua obra Ian McEwan (2007, p. 15) e “*questions of morality, nationhood and history, sexuality, and the nature*

⁶ Política e promoção de interesses pessoais; violência masculina e o problema das relações de gênero; ciências e os limites da racionalidade; amor e inocência” (Tradução nossa).

of the imagination and human consciousness” acrescentados por Groes na introdução de sua obra *A cartography of the contemporary: mapping newness in the work of Ian McEwan* (2013, p. 2).⁷ Os temas apontados pelos dois estudiosos aparecem, em sua grande maioria, na obra *Enclausurado*, e com relação à mãe, fica em alta os temas moralidade, amor e inocência, muito questionados no decorrer na história.

A mãe, Trudy, é apresentada logo no início da obra como uma pessoa que gosta de ouvir áudios de palestras e livros de autoajuda, notícias, biografias e obras clássicas, além de apreciar um bom vinho. O feto contribui com sua descrição:

E eu a amo – como poderia não amá-la? A mãe que ainda vou encontrar, que só conheço por dentro. Não basta! Quero ver a parte de fora. As superfícies são tudo. Sei que tem cabelo louro, “cor de palha clara”, que “cai em cachos revoltos” até seus ombros brancos como a polpa de uma maçã”, porque meu pai leu para ela, na minha presença, um poema dele que dizia isso [...] Também sei que minha mãe tem olhos verdes, seu nariz “é um botão de madrepérola”, que ela gostaria que ele fosse maior, que os dois homens o adoram do jeito que ele é e que tentaram convencê-la disso (MCEWAN, 2016, p. 15).

No decorrer da obra, o feto entra em conflito com o que sente pela mãe: amor? Ou raiva por querer matar o pai? E sempre que percebe essa segunda opção, diz para ele mesmo “[...] é um sinônimo de ser egoísta, malvada, cruel. Mas espere, eu a amo, ela é minha divindade e eu preciso dela. Retiro tudo o que disse! Falei por me sentir angustiado” (MCEWAN, 2016, p. 23). Além disso, questiona-se sobre a mãe amá-lo ou não, dizendo que na gravidez a causou muitos inchaços e desconfortos, concluindo da seguinte forma: “Em suma, não tenho certeza de que ela me ama. [...] Meu relacionamento amoroso com Trudy não vai bem. Pensei que eu pudesse ter como certo o seu amor” (MCEWAN, 2016, p. 40).

Ainda com relação à troca do pai por Claude, o feto faz julgamentos sobre a mãe em “não é o amor dela que está faltando. É o meu. É meu ressentimento que está nos separando. Recuso-me a dizer que a odeio. Mas abandonar um poeta, qualquer poeta, por Claude! É duro” (MCEWAN, 2016, p. 41).

O feto se encontra em vários momentos de tensão que são as relações sexuais entre a mãe e o tio. Após uma dessas excitações, Claude diz que, ao nascer, o bebê será colocado em algum lugar e quando se dá conta de que esse é o futuro que a ele está previsto, pensa:

Sexo não, perigo sim. O sangue lateja através de mim como salvas de uma artilharia distante, e posso senti-la lutando com uma escolha. Sou um órgão de seu corpo, em nada separado de seus pensamentos. Sou parte do que está prestes a fazer. Quando chega, afinal, sua decisão, sua ordem murmurada,

⁷ “questões sobre moralidade, nacionalismo e história, sexualidade, e a natureza da imaginação e da consciência humana” (Tradução nossa).

sua manifestação única e traiçoeira parece provir de minha própria boca inexperiente. Ao se beijarem de novo, ela pronuncia dentro da boca do amante. A primeira palavra do bebê. “Veneno” (MCEWAN, 2016, p. 48-49).

As palavras de Claude trazem à tona um sentimento ruim no feto, que diz as palavras “Mãe cruel!” (MCEWAN, 2016, p. 50) sabendo que Trudy seria comparsa do tio ao abandonar a criança “em algum lugar” (MCEWAN, 2016, p. 48) mas logo em seguida, se culpa novamente por esse pensamento sobre a mãe e diz:

Tento vê-la e amá-la como devo, imaginando seus problemas: o vilão que pegou como amante, o santo que está deixando para trás, o ato com o qual concordou, o filho querido que largará nas mãos de estranhos. Amá-la ainda? Se não, foi porque você nunca amou. Mas eu amei, amei, sim. Amo (MCEWAN, 2016, p. 54).

É interessante observar o quanto choca ao feto a decisão da mãe e do tio de matarem o seu pai, sendo que o bebê se sente inquieto dentro da história ansiando por conhecer seu desfecho – mesmo sentindo que o pai morrerá, pois acompanha todos os planos de Trudy e Claude e sabendo que nada pode fazer para impedir esse feito, pensa: “Meus pensamentos giram com o mundo da minha mãe. Minha rejeição por meu pai, seu possível destino, minha responsabilidade no caso, e depois meu próprio destino, minha incapacidade de alertar ou agir” (MCEWAN, 2016, p.83).

O bebê mostra-se ainda mais afetado quando a mãe está com raiva, depois da conversa com John e Elodia, suposta amante de seu marido. Isso se confirma no trecho:

A raiva de Trudy é oceânica – vasta e profunda, é seu meio ambiente, sua personalidade. Sei através de seu sangue alterado que passa por mim, no desconforto granular onde as células são perturbadas e comprimidas, as plaquetas despedaçadas. Meu próprio coração está lutando com o sangue raivoso de minha mãe (MCEWAN, 2016, p. 84).

Após o plano do casal de amantes ter dado certo, com a morte do pai, Trudy e Claude comemoram. Mas, ao mesmo tempo, Trudy vai tomando consciência sobre a grandeza de seu ato que teve como consequência a morte do seu marido e pai de seu filho. O feto sente raiva da mãe e ainda questiona a troca de John por Claude.

Eu a odeio, e odeio seu remorso. Como passou de John a Claude, da poesia ao lugar-comum mais boçal? Descer para o chiqueiro asqueroso a fim de rolar na imundície com seu amante debiloide, espojar-se na merda e no gozo, planejar o roubo de uma casa, infligir uma dor monstruosa e uma morte humilhante a um homem bondoso. E agora arquejar e tremer diante do que fez, como se a assassina fosse outra pessoa. [...] E lá vai ela, numa passagem sem interrupção, no mesmo dia e sem corar de vergonha, da carnificina a autopiedade (MCEWAN, 2016, p. 121-122).

Ao analisar a forma com que um bebê se apropria daquilo que os pais – no caso do feto, a mãe, o pai e o tio – o transmitem durante a gestação, Tatiana Inglês-Mazzarela,

em sua obra *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações* (2006), aponta os aspectos absorvidos pela criança durante a gestação, focando nas concepções negativas que predominam as relações na obra *Enclausurado*.

Na transmissão do negativo, opera aquilo que não pode ser contido, o que não se retém, o que não se lembra; o que não encontra inscrição na vida psíquica dos pais e/ou das gerações precedentes e que vem depositar-se ou enquistar-se na psique da criança: **a falta**, a doença, **o crime**, os objetos desaparecidos sem traço nem memória, pelos quais não se realizou trabalho de luto e, na maioria das vezes, dos quais nem se falou. Assim, o que não se pode pôr em palavras nas situações de excesso, sejam elas pulsionais ou da ordem da realidade, fica aprisionado no retorno da coisa sob a égide da repetição (*grifo nosso*) (INGLEZ-MAZZARELA, 2006, p. 86).

O período fetal é essencial para a transmissão de sentimentos, durante o qual o bebê absorve todos as mensagens que lhe são enviadas. Na obra *Enclausurado* podemos acompanhar, de maneira intensa e detalhada pelo feto – apenas na visão deste – tudo aquilo que a mãe o passa, talvez de forma inconsciente, pois sabe que tem o filho mas não expressa e nem realiza nenhum cuidado com ele, gerando mensagens incompreensíveis para a criança e acarretando prejuízos em seu processo de singularização.

Além disso, sendo os conteúdos transmitidos negativos e invasivos, e a criança não tendo a maturidade para compreendê-los, corre o risco de se identificar a esse potencial negativo, como acontece em diversas vezes com o feto, ocasionando a cogitação – e tentativa – de suicídio, tema que será posteriormente abordado neste trabalho.

4 CONFLITO DO FETO COM O TIO

É verossímil observar que existe um conflito shakespeariano em relação ao feto e o tio na obra de McEwan, no artigo *Integrity of Intertextuality*, Aarthi explicita essa intertextualidade com o clássico:

Shakespeare's Hamlet, as well as McEwan's "unnamed Hamlet" both of them, cannot tolerate their uncle's incestuous oppression upon their "mothers". For instance, Claudius in Hamlet used to address Gertrude as his mouse. Hamlet openly criticizes such activity in Hamlet. The same like Hamlet, Trudy's son also outrages uncontrollably while Claude calls his mother as his mouse. It seems to be a sign or code for their so-called love-making according to him (AARTHI, 2020, p. 3).⁸

⁸ *Hamlet* de Shakespeare, assim como, o "Hamlet sem nome" de McEwan, ambos, não conseguem tolerar a opressão incestuosa de seus tios sobre suas "mães". Por exemplo, Claudius em *Hamlet* costumava se referir a Gertrudes como o seu rato. Hamlet critica abertamente essa atividade. Assim como em *Enclausurado*, o filho de Trudy também se indigna incontrolavelmente enquanto Claude chama sua mãe de "ratinha". Parece ser como um sinal ou um código para o seu chamado amor de acordo com ele (tradução nossa).

A partir desse trecho, pode-se perceber que a personagem principal feto em *Enclausurado* é visto como um Hamlet contemporâneo, por ouvir as conversas entre a sua mãe Trudy e o seu tio Claude (o nome do tio entra como uma referência da obra shakespeariana, no qual, o nome do tio e novo rei dinamarquês possui a mesma denominação). Durante o desenvolvimento da história, o narrador descobre uma conspiração entre os dois amantes para matar o seu pai biológico John, querem se livrar do pai do bebê e vender a casa em que a mãe reside no momento e mudar-se para outro lugar. Com base nisso, existem diversas correlações entre a obra shakespeariana e a de McEwan, no qual, a personagem principal busca vingar a morte de seu pai, em *Enclausurado*, o feto procura tentar descobrir uma forma de impedir que os amantes o matem.

Pode-se, a partir deste ponto, iniciar uma análise sobre o comportamento envolve Claude e o feto: sendo uma visita na casa e no quarto de Trudy, a sua presença constante faz com que o narrador se sinta repetidamente incomodado, é possível de observar isso no seguinte trecho “Quem é Claude, esse impostor que se infiltrou com um verme em minha família e em meus sonhos? A existência dele se choca com o direito que tenho a uma vida feliz sob os cuidados dos meus dois pais” (MCEWAN, 2016, p. 27).

O narrador crê, em primeiro momento, que único fator que separa de ter uma vida saudável com seus dois pais é a traição de Trudy com o irmão de John, porém, no decorrer do tempo, ele descobre que existe mais problemas do que apenas a fidelidade de sua mãe em relação ao seu pai. No decorrer da narrativa é possível perceber um ódio adquirido por Trudy em relação ao seu marido, como também, o desgosto de Claude em relação ao irmão, agrava-se a um clímax que a personagem deseja tentar evitar, mas não consegue: o assassinato de seu pai.

Tudo em Claude perturba a personagem principal, a começar pela sua voz até as atitudes que o mesmo toma, frequentemente denegrindo o seu tio, o feto em seus devaneios se pergunta e analisa o porquê da mãe deixar seu pai, um poeta, para ficar com alguém como Claude, uma pessoa burra ou como o mesmo reflete: “ele é o que parece ser, uma concha vazia” (MCEWAN, 2016, p. 31). Enquanto a história se desenrola, é possível perceber a cumplicidade de Claude nos planos de Trudy, os seus planejamentos do que fazer antes, durante e depois do assassinato, no entanto, não é sinalizado em momento algum dentro da obra, a preocupação do tio em relação ao seu o sobrinho, o tio pensa no lucro que pode adquirir ao herdar a casa milionária do irmão onde a amante vive, um exemplo dessa apatia pela criança, é a relação sexual constante entre os dois, mesmo em um estágio avançado da gravidez, ambos continuam ativos, levando o feto a ficar cada vez mais incomodado com a situação.

Com o desenvolver da história e a incapacidade óbvia do feto em não poder evitar a morte do pai, o que lhe resta é registrar o que pode sobre os acontecimentos e julgar as atitudes e ações tomadas pelos amantes.

Pode-se associar este momento com Hamlet, que procura vingar-se de seu tio de diversas formas após conseguir, por meio de um teatro, comprovar a sua teoria.

Basta desse assunto. À noite haverá uma peça perante ao rei: Uma das cenas se assemelha à circunstância de que te falei sobre a morte de meu pai. Eu peço que, ao assistires à encenação, escrutes o meu tio, com toda a argúcia e prumo de tua alma. Se acaso a culpa que ele oculta não for desentranhada em alguma palavra, então o que vimos era uma alma infernal e o que tenho na mente é mais lúgubre e vil que a forja de Vulcano. E espreita-o atentamente, que eu, eu vou cravar os olhos no rosto dele, e depois juntaremos nossas impressões para julgar sua expressão (SHAKESPEARE, 2015, p. 85).

Após suas suspeitas confirmadas, Hamlet procura planejar como fará para matar Claudius, no entanto, quando está a caminho para conversar com Gertrudes sobre sua descoberta e confrontá-la, escuta seu tio proclamar seu sentimento de culpa e incapacidade de arrependimento perante os seus atos, por um momento Hamlet considera matá-lo, mas hesita e reconsidera: “ele agora está rezando [...] e assim ele vai pro céu [...] derruba – que ele vai chutar os céus co’os pés, ficar co’a alma preta e manchada feito o inferno/ Que é para onde ele vai” (SHAKESPEARE, 2015, p. 132-133).

É a partir desses trechos que se pode perceber que existe tanto o ódio em relação com o tio de ambas personagens, como também um afeto e arrependimento por considerar tal ato, no caso do feto, em *Enclausurado*, é o suicídio como forma de vingança e em *Hamlet*, é o homicídio.

Posteriormente ao assassinato ocorrer, o feto em seu casulo uterino, percebe as máscaras entre o casal cair, as verdadeiras aparências de ambos começam a aparecer, mostrando que, mesmo sendo cúmplices de um crime, Trudy sente remorso pelo que fez e Claude exhibe seu descaso perante o acontecimento, preocupado apenas com a fuga e o dinheiro que receberá pela morte do irmão.

Consegue-se relacionar a impessoalidade destas personagens com as de *Hamlet*, peça na qual o rei Claudius desvalida o sentimento de luto do sobrinho e, quando se vê ameaçado, tenta eliminá-lo de qualquer forma que consegue, primeiro exilando-o da Dinamarca; e em um segundo momento, cria um duelo para tentar fazê-lo ser morto. Em *Enclausurado*, pode-se perceber o mesmo nível de consideração, nem Trudy como mãe, nem Claude como tio levam em conta o que pode acontecer com o feto se as coisas derem errado.

Observando essa análise, é plausível destacar que a personagem considera durante seus devaneios, que se ele nascer naquela situação será filho de Claude, no entanto, não é descrito em momento algum durante a narrativa uma preocupação do tio em relação, ao fato de que, ele se tornará padrasto. A cartada final que a personagem principal procura fazer para conseguir se vingar do tio, é iniciar o parto, uma forma de atrasá-los o máximo possível, no entanto, a indiferença e o descaso de Claude perante a situação, desesperado para fugir, pega-o de surpresa: “a derrota é minha, eu o

subestimei. O objetivo de chegar mais cedo era para destruir Claude. Eu sabia que ele era um problema” (MCEWAN, 2016, p. 194).

Com isso, pode-se perceber por meio desta análise, que é possível correlacionar o envolvimento do feto com a mesma situação parentesco que Hamlet tem com seu tio, uma relação impessoal de desconsideração e descaso. Em *Enclausurado*, o feto nunca é visto como parte de algo, na verdade, ele é uma consequência do antigo casamento de Trudy, um estorvo e nunca é considerado por Claude como um ponto de relevância, pois o tio não se preocupa com seu bem-estar ou com o que pode acontecer com ele durante a gravidez ou depois dela.

Como um DJ debruçado sobre sua plataforma, repito a frase que arranha o disco: *E... nós teremos colocado o bebê em algum lugar*. Com a repetição, as palavras se tornam tão nítidas quanto a verdade, e o futuro que têm em mente para mim brilha claro. *Colocado* não passa de um sinônimo mentiroso para *abandonado*. Como *bebê* é um sinônimo de *mim*. Em *algum lugar* também é uma mentira (MCEWAN, 2016, p. 50).

5 CONFLITO DO FETO CONSIGO MESMO

Para que seja possível analisar e discutir sobre os conflitos que o feto enfrenta consigo mesmo, é necessário compreender os fatos por uma vertente reflexiva singular, isolada e ao mesmo tempo analisá-los em paralelo ao intertexto da obra de *Hamlet*, o Príncipe da Dinamarca, pois ele enfrenta dilemas.

Mesmo a obra de Shakespeare tendo como personagem principal um homem com traços contemporâneos, McEwan, por sua vez, narra a trágica história a partir de uma perspectiva inusitada – a de um feto. Em *Enclausurado*, o enredo apresenta um conflito entre tio e mãe contra o pai, mas coloca o filho no lugar de um feto não nascido. Do útero da mãe, ele observa, insatisfeito e impotente, o desenrolar da problemática. Os dilemas centrais estão ligados aos acontecimentos externos ao seu universo uterino, o mundo real, aquele que as pessoas são corrompidas e corrompem outras. O conhecido bebê apresenta uma percepção de mundo distorcida, e constantemente se questiona sobre a razão dos acontecidos, como pode-se ver abaixo.

Ouvi dizer que, faz muito tempo, a dor gerou a consciência. Para evitar danos graves, uma simples criatura precisa desenvolver os estímulos e incentivos de um circuito subjetivo, de uma experiência anterior. Não apenas uma luz vermelha de alerta na mente – quem estará lá para vê-la? –, mas um acicate, uma dor, algo que machuca. A adversidade nos obrigou a ter essa capacidade de percepção, e funciona, ela nos aferroa quando nos aproximamos demais do fogo, quando amamos demais. Essas sensações são o começo da invenção do eu. E, se isso funciona, por que não sentir repugnância por vezes, temer

a beira do precipício e gente estranha, lembrar insultos e favores, gostar de sexo e comida? Deus disse: Que seja feita a dor. E depois se fez a poesia. Sendo assim, qual a utilidade de uma dor de cabeça, de um pesar no coração? De que estou sendo alertado, o que me é dito para fazer? Não deixe seu tio incestuoso e sua mãe envenenarem seu pai. Não passe seus dias na indolência, de cabeça para baixo. Nasça e aja! (MCEWAN, 2016, p. 29).

Entre as reflexões do feto, McEwan não apenas na presente obra, apresenta, de maneira irônica, as problemáticas do mundo atual e como vem se consolidando a ideia do “ser ou não ser” do homem contemporâneo, muitas vezes marcado pela negligência.

McEwan produz um texto ambivalente, relacionado às contradições históricas e no qual o autor / narrador / protagonista apresenta uma subjetividade oscilante, habitando o nível da enunciação e do enunciado do romance, entre ator da ficção e ator do mundo natural, fictício e “verdadeiro”. A obra do escritor inglês desconstrói qualquer possibilidade de objetividade, realismo e verdade, estabelecendo uma posição crítica em relação à História, à Ficção, ao artista e à arte burguesa, representada por uma personagem rica, infantilizada, e suas narrativas “criativas” e egocêntricas (GOMES JUNIOR, 2018, p. 180).

Diferente do complexo *Hamlet*, de Shakespeare, o feto explicita outra forma de experiência trágica.

Sentirei, logo serei. Vou ser um ativista das emoções, fazer campanhas barulhentas e lutar com lágrimas e suspiros, a fim de moldar as instituições que circundam meu eu vulnerável. Minha identidade será minha única, preciosa e verdadeira posse, meu acesso à verdade singular. O mundo deve amá-la, nutri-la e protegê-la como eu faço. Se minha universidade não me abençoar, não me validar e não me der o que claramente necessito, vou encostar o rosto no peito do vice-reitor e chorar. Depois exigir que ele peça demissão (MCEWAN, 2016, p. 70).

Ao observar e até mesmo compartilhar os sentimentos que sua mãe lhe transmite, por meio das atitudes corrompidas, ele pondera em não nascer, ou de maneira implícita, em forma de pensamento, deixa escapar que talvez o útero, aquele universo que vive, seja o lugar certo para que ele não seja corrompido e se torne o que ele mais teme, conforme se lê:

O útero, ou este útero, não é um lugar tão ruim, assemelha-se a um túmulo, “agradável e privado”, de acordo com um dos poemas prediletos de meu pai. Vou fazer uma versão de útero para meus dias de estudante, deixar de lado o iluminismo de ingleses, escoceses e franceses. Abaixo o real, os fatos tediosos, o fingimento odioso da objetividade. Os sentimentos reinam como uma rainha (MCEWAN, 2016, p. 70).

Além desta análise por diferentes perspectivas, pode-se concluir que a vida externa ao universo dele – o útero – afeta significativamente seu modo de ver o mundo. Como tudo que é novo, grandes expectativas são depositadas no que está por vir, o nascimento. Ao desenvolver a consciência, o feto afirma que este novo dom pode ser considerada um infortúnio, pois é feita uma relação da consciência com um dom espinhoso que logo terá, ou seja, seus pensamentos podem se tornar seus piores inimigos.

Com o passar do desenvolvimento do feto, ele contempla sua existência e chega a uma breve análise lógica, segundo os pensamentos, que em suma, a “amada” mãe, não o ama, levando a um relacionamento cheio de contradições e situações de desencontro de perspectivas.

Minha mãe preferiu o irmão de meu pai, traiu seu marido, arruinou seu filho. Meu tio roubou a mulher de seu irmão, enganou o pai de seu sobrinho, insultou gravemente o filho de sua cunhada. Meu pai é indefeso por natureza, como eu sou por circunstâncias. Meu tio tem um quarto de meu genoma, aquela parte da metade que vem de meu pai, mas não se parece mais com ele do que eu com Virgílio ou Montaigne. Que parte desprezível de mim é Claude, e como poderei saber? Eu poderia ser meu próprio irmão e me enganar como ele enganou o seu. **Quando eu nascer e tiver enfim permissão de ficar sozinho, há uma quarta parte de mim que vou querer arrancar com uma faca de cozinha.** Mas aquele que segurará a faca será também meu tio, representado por um quarto de meu genoma. Então vamos ver como a faca não se moverá. E essa percepção é em parte também dele. Assim como esta (*grifo nosso*) (MCEWAN, 2016, p. 20).

Portanto, a perspectiva de sentir-se um parasita, é apresentada de modo evidente, ele afirma ser composto, biologicamente, por partes que ele mesmo desprezará, mas que por conta de ser corrompido, talvez não seja capaz de concluir o ato, sendo ainda mais falho.

Meu relacionamento amoroso com Trudy não vai bem. Pensei que eu pudesse ter como certo o seu amor. Mas ouvi biólogos debatendo de madrugada. Mulheres grávidas precisam combater os ocupantes de seus úteros. A natureza, ela própria uma mãe, ordena uma luta por recursos que podem ser necessários para nutrir meus futuros irmãos – e rivais. Minha saúde deriva de Trudy, porém ela também precisa se proteger de mim. Sendo assim, por que deveria se preocupar com meus sentimentos? Se for do interesse dela e de um bostinha ainda não concebido que eu seja subalimentado, por que ela se preocuparia que um encontro amoroso com meu tio possa me incomodar? [...] Tão deprimente, tão carente de amor! Então estamos sozinhos, todos nós, até eu, cada um seguindo por uma estrada deserta, carregando seus estratégias e fluxogramas numa trouxa sobre o ombro, atrás de vantagens inconscientes. Coisa demais para suportar, macabro demais para ser verdade. Por que o mundo se organizaria de forma tão cruel? Entre muitas outras coisas, as pessoas são sociáveis e bondosas. A cobiça não é tudo. Minha mãe não é apenas minha senhoria. Meu pai não busca a mais ampla disseminação de seus genes, ele se importa com sua mulher e, sem dúvida, com seu único filho (MCEWAN, 2016, p. 20).

CONCLUSÃO

A angústia provocada pelas relações humanas é o ponto principal de conflito da narrativa de *Enclausurado*. Ao analisar as semelhanças entre o feto e a personagem Hamlet, de Shakespeare, concluímos que ambos passam por questionamentos semelhantes. Por meio disso, investiga-se o comportamento humano e a busca do escapismo psicológico seguindo a personagem através dos conflitos presentes na história.

O conflito do feto com a mãe é observado ao longo da obra de forma muito presente na dualidade dos sentimentos de amor e ódio entre eles. O feto não aceita a troca de John, poeta e idealizado como pai, por Claude, chamado de “concha vazia”, além da intolerável condição de impotência ao tentar impedir o assassinato do pai. Por fim, é analisada a ideia de que os aspectos absorvidos durante a gestação geram efeitos na vida da criança.

No conflito do feto com o tio, pode-se perceber que existe uma análise sobre o comportamento de Claude e a sua insensibilidade em relação aos ocorridos. Uma vez, visto como marionete dos planos de Trudy, para matar o seu ex-marido, Claude torna-se rapidamente uma personagem que passa de um insignificante para um ser mais complexo que possui uma personalidade insensível e desumana. Os objetivos dele, desde o início da obra, até o final, são corrompidos para seu ganho próprio. Isso afeta, ainda que indiretamente, a relação que Claude possui com o seu sobrinho, pois o feto nunca é visto como parte de algo, para Claude aquela criança é apenas um contratempo, alguém dispensável, nunca sendo um fator a ser considerado.

Finalizando, o conflito do feto consigo mesmo se dá pela compreensão e constatação de traços que não apenas o feto possui, mas também o homem contemporâneo e o Príncipe Hamlet. O conflito de opostos, a dualidade de pensamentos e a subjetividade oscilante fazem com a personagem feto, impotente em seu universo paralelo, crie e recrie suposições sobre o presente e até mesmo sobre o futuro incerto que o mesmo terá. Portanto, a vida compartilha alimenta inferências, pensamentos e decisões complexas sobre a própria existência, como vimos descrito na presente pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AARTHI, G.M.A, **Integrity of Intertextuality in Ian McEwan's Nutshell**. Disponível em: <<http://languageinindia.com/feb2020/mkuliterature2020/gaarthi.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os Clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Enclausurado: o mundo visto pelos olhos de um narrador shandiano contemporâneo. **Miguilim**: Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 6, n. 3, p. 163-179, set./dez. 2017.
- CORTELLA, Mario Sérgio. Filósofo Mario Sergio Cortella explica conceitos de moral e ética. **Globo.com**, fev. 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/noticia/2016/02/filosofo-mario-sergio-cortella-explica-conceitos-de-moral-e-etica.html>>. Acesso em: 01 nov. 2019.
- FERREIRA, Adriano Rodrigues. A ética de Aristóteles e a educação: reflexões: da ética aristotélica para a ética na sociedade brasileira atual. **Administradores**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 4-8, jan. 2017. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6702/1/reflexoes-da-etica-aristotelica-para-a-etica-na-sociedade-brasileira-atual/pagina1.html>>. Acesso em: 29 out. 2019.
- GOMES JUNIOR, Edison. Reparando a luta de classes em reparação, de Ian McEwan. **Revell**, São Paulo, v. 3, n. 20, p. 16-37, abr. 2018.
- GRANJON, Evelyn. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p.17-43.
- GROES, Sebastian. A cartography of the contemporary: mapping newness in the work of Ian McEwan. In: GROES, Sebastian. (Org.). **Ian McEwan**. 2. ed. London: Bloomsbury, 2013. p. 1-12.
- HEAD, Dominic. **Ian McEwan**. Manchester: Manchester University Press, 2007.
- HELIODORA, Barbara. **Por que ler Shakespeare**. São Paulo: Globo, 2008.
- INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo: Escuta, 2006.
- LIMA, Bárbara. Os sentimentos universais em Shakespeare. **Jornal da Universidade – UFRGS**, Porto Alegre, v. 6, n. 5, p. 21-35, set. 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183128/001078064.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 nov. 2019.
- MCEWAN, Ian. **Enclausurado**. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MCEWAN, Ian. **Entrevistas**. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução: Leda Beck. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- LA TAILLE, Yves. Moral e ética: uma leitura psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 12, p. 105-114, out. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a09v26ns.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

POLIDÓRIO, Valdomiro. Análise de algumas características da personagem Hamlet da peça homônima de William Shakespeare. **Entrelinhas**, Cascavel, v. 7, n. 2, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Paris: Les éditions Nagel, 1970.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução: Lawrence Flores. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Lajosy. Os limites e os desafios da ficção contemporânea em reparação de Ian McEwan.

Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, Cascavel, v. 2, n. 1, 2008.

Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2884/2281>>.

Acesso em: 01 nov. 2019.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TAILLE, Yves de La. Moral e **ética no mundo contemporâneo**. **Revista USP**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 31-40, nov. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/125319>>.

Acesso em: 01 nov. 2019